



MOSTRA



MUITO A COMEMORAR, MUITO MAIS A FAZER!

A GRANDE FESTA DA PSICOLOGIA

Um abraço coletivo marcou a cerimônia de abertura da 2ª Mostra Nacional de Práticas em Psicologia, que reuniu mais de seis mil pessoas no Anhembi nessa quinta-feira (20). O auditório, em festa, comemorou mais uma vez os 50 anos da Psicologia brasileira. Na mesa de abertura, estavam presentes o presidente do Conselho Federal de Psicologia (CFP), Humberto Verona, o ministro da Educação, Aloízio Mercadante, além de representantes do governo, de entidades da categoria e movimentos sociais.

De acordo com Verona, o evento revela o tamanho e a diversidade da Psicologia no Brasil. Para ele, os 50 anos da profissão regulamentada fizeram com que psicólogas e psicólogos se comprometessem mais com a defesa incondicional dos direitos humanos e a busca pelo bem comum. “Doze anos após a primeira Mostra, um evento dessa dimensão, com profissionais e estudantes, revigora a nossa profissão e faz disso a principal comemoração”.

Durante a cerimônia, o presidente do CFP anunciou duas parcerias – A primeira entre o Fórum Nacional de Entidades da Psicologia Brasileira (Fenpb) e o Ministério da Educação, que produzirá um estudo sobre a violência nas escolas brasileiras. E a segunda parceria será entre o Sistema Conselhos e a Secretaria Nacional de Direitos Humanos da Presidência da República, que irá colaborar para a atuação dos comitês de combate à homofobia em todos os estados do Brasil.

A presidenta da Federação Nacional dos Psicólogos (Fenapsi), Fernanda Magano, aproveitou a oportunidade para convidar as pessoas o Congresso Nacional de Psicologia que acontecerá em maio de 2013. A Presidenta do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo,



Abraço coletivo marca abertura oficial do evento e simboliza a união da profissão.

Biancha Angelucci, disse ser uma honra para São Paulo receber um evento tão grandioso como a Mostra. “Esta é uma significativa oportunidade para psicólogos (as) do Brasil, da América Latina e de países de língua portuguesa, se aproximarem e reunirem forças e estratégias para implementar as ações das quais acreditamos e lutamos. Somos muitos, somos fortes, somos arco, somos flecha”.

A psicóloga e ex-presidenta do CFP Ana Bock relembrou como a 1ª Mostra Nacional foi um marco importante para a Psicologia e as conquistas que a área teve desde então. “A mostra começou como um sonho que se sonhou junto e que se tornou realidade. Esta segunda edição é

uma oportunidade de avaliar nossos avanços e desafios nestes 12 anos que separam uma atividade da outra. O compromisso agora se traduz na busca pelo bem comum”.

Após a cerimônia de abertura, a representante dos guarani-kaiowá do Mato Grosso do Sul, Valdelice Veron, foi agraciada com o prêmio Paulo Freire, por ser uma figura de destaque na defesa dos direitos dos povos indígenas. “Hoje eu recebo essa homenagem e a repasso para todas as lideranças indígenas no Mato Grosso do Sul e no Brasil que lutam pela vida, pela sobrevivência. Dessa forma, acredito que nós vamos construir esses diálogos com os psicólogos. Vejo essa iniciativa como uma esperança de novo”.

Pesquisa avalia violência nas escolas



Ministro da Educação, Aloízio Mercadante, Ana Bock e o presidente do CFP, Humberto Verona, no momento da assinatura do convênio.

A Psicologia vai realizar a maior pesquisa sobre direitos humanos na rede pública educacional da história do Brasil. O convênio foi firmado nesta quinta-feira (20) entre o Ministério da Educação (MEC) e o Conselho Federal de Psicologia (CFP), que vai coordenar todas as etapas do trabalho.

O objetivo da pesquisa é diagnosticar os problemas existentes entre os alunos da rede, como uso de drogas, gravidez precoce, AIDS e preconceito, a produção de material didático e formação de professores para o enfrentamento das situações em sala de aula. “Vamos tratar estes temas com responsabilidade, com cuidado, e enfrentá-los no sentido do respeito à diversidade, aos valores e a saúde”, afirmou o ministro da Educação, Aloízio Mercadante.

O trabalho será realizado em parceria com oito universidades federais de todas as regiões do país e com entidades sociais representativas. As universidades selecionadas são as que já desenvolvem trabalhos nas áreas a serem estudadas como a UFSCar, de São Carlos, UFCE, do Ceará e UFRGS, do Rio Grande do Sul.

“Vai ser um trabalho de campo, que já está bem desenhado, vamos trabalhar nos vários níveis do processo educacional com pais, professores e alunos criando subsídios para que a gente possa aprimorar

a prática pedagógica e promover uma escola mais atrativa, mais feliz e que ajude a formar cidadãos mais completos para os desafios da vida contemporânea”, disse Mercadante.

Para o presidente do Conselho Federal de Psicologia, Humberto Verona, a realização da pesquisa é mais um passo que a profissão dá na contribuição efetiva para a garantia dos direitos humanos. “É muito bom podermos colocar nosso trabalho à disposição da sociedade brasileira em questões tão importantes para a garantia dos direitos dos cidadãos”.

As atividades iniciais para a estruturação do trabalho começam em outubro. A previsão é que a pesquisa de campo comece a ser realizada nos primeiros meses de 2013 e durem cerca de um ano. As publicações serão produzidas logo após a conclusão da pesquisa. A rede pública de ensino tem 2 milhões de professores e 57 milhões de alunos.

“Esperamos que os educadores tenham melhores condições de lidar com estes desafios, que haja um material didático bem elaborado e que a gente conheça melhor estes problemas, para que possamos elaborar, em todos estes níveis, respostas a estes desafios”, finalizou o ministro.

Especialistas debatem papel do psicólogo na gestão pública

Um dos grandes desafios que se tem hoje é inserir o psicólogo num modelo de gestão pública comprometido com a defesa da vida. Este foi o tom dos debates que marcaram a discussão do tema. Processo de Planejamento e Gestão Pública, que reuniu o diretor do Centro de Administração Pública da Fundação Getúlio Vargas, Peter Spink; o diretor de Participação Social da Secretaria Nacional de Articulação Social, ligada à presidência da República, Pedro Pontual e a secretária-adjunta de Saúde de São Bernardo do Campo, Lumena Furtado.

“É necessário, cada vez mais, desmontar e remontar modelos de gestão pública, de forma a corresponder às aspirações e necessidades daqueles que serão atendidos, e nesse processo, a participação do psicólogo é fundamental”, defendeu Peter Spink. Estudantes de psicologia levantaram as dificuldades que ainda encontram quando começam a atuar em projetos sociais – governamentais ou não.

Para Peter Spink, com a ampliação da área de atuação do psicólogo, ainda existem questões que envolvem habilidades novas que começam a emergir. “Mas ao ampliar os horizontes, os nossos profissionais passam a vivenciar uma experiência extremamente rica”, observou.

O diretor de Participação Social da Secretaria Nacional de Articulação Social, Pedro Pontual, admitiu que o processo de engajamento da sociedade no processo de discussão de políticas públicas ainda tem um longo caminho a percorrer. “A estruturas políticas do país ainda perpetuam um modelo de clientelismo, do toma lá da cá, que dificulta a adoção de novas práticas participativas”, afirmou.

Citando o educador Paulo Freire, ele admitiu que mudar este quadro não é tarefa para quatro anos. “Mas estamos lutando para migrar da cultura do favor para a cultura do direito”, reforçou Pedro Pontual.

A coordenadora dos debates, Lumena Furtado, disse que embora seja um processo lento, os espaços para os psicólogos nos programas de gestão pública têm aumentado. “Hoje temos 60 mil psicólogos trabalhando no Sistema Único de Saúde – SUS.

Expediente

Realizadores:

Conselho Federal de Psicologia (CFP)
Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (CRP SP)
Federação Nacional dos Psicólogos (Fenapsi)
Curadoria da 2ª Mostra Nacional de Práticas em Psicologia

Repórteres:

Carolina Menkes
Daniella Jinkings
Flávia Medeiros
Ayla Farias
Christiane Gomes

Jornalista responsável:

Cristina Bravo

Tiragem:

15.000 exemplares

Coração Latino bate forte na Mostra



Representantes de 11 países da América Latina marcam presença na Mostra Nacional. Eles e elas estão em todo o Anhembi e também no lugar onde bate o coração da Mostra: as praças. Experiências de países como Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Guatemala, México, Paraguai, Peru e Uruguai podem ser vistos na Praça da América Latina. “É uma mostra gigante, não apenas na dimensão, mas na qualidade dos trabalhos. Nós estamos apresentando diversas experiências de psicólogos guatemaltecos de distintas áreas, como clínicos, comunitários e sociais. Além disso, trouxemos livros e revistas”, afirmou Emerson Paredes, profissional da Guatemala. Para ele, a Mostra terá o papel de aproximar os trabalhos de seu país à outras regiões da América Latina. “Por isso, estar aqui é fundamental

para sabermos como outros países conseguiram trabalhar seus processos psicológicos; e o Brasil é um país que pode nos ensinar muito, nos dar muitas lições. Estar aqui vai fortalecer nossa articulação”.

A riqueza do encontro entre os países é algo constante nas impressões dos hermanos e hermanas latinoamericanas. Segundo Edgar Barrero, da Cátedra Livre Martin Baró, da Colômbia, o sistema econômico capitalista insiste em fragmentar e separar, daí a necessidade de um evento como a 2ª Mostra Nacional que promove o encontro e a mobilização. “Esses diálogos são fundamentais para nossa sobrevivência”, destacou Barrero que contou ao Jornal da 2ª Mostra que se reuniu com psicólogos africanos e que, deste encontro, uma nova articulação vai surgir. Ele também destacou como a Psicologia brasileira pode ensinar outros países. “Estamos aprendendo muito com os (as) brasileiros (as) que têm um pensamento psicológico estratégico. Estamos superando uma consciência ingênua para construir consciências críticas que nos permitam construir um pensamento psicológico latinoamericano. Assim, estamos aqui para fortalecer a ULAPSI, aprender metodologias, formas de trabalho e trocar experiências”.

Edgard também destacou como a metodologia dos pôsteres está sendo eficaz na apresentação das práticas. Opinião que também é compartilhada pela psicóloga Maria Lilly, da Bolívia, que vai além, ao

sugerir que essa metodologia fosse compartilhada por outros eventos na América Latina e que estes trabalhos pudessem ser itinerantes. Ela trouxe trabalhos de quatro departamentos (estados) bolivianos distintos que tratam de investigação, de investigação/ação, de universidades, comunitários e, sobretudo, com as crianças das diferentes etnias bolivianas que envolve também programas culturais. “Conhecendo o que está acontecendo em outros países, podemos avaliar o que nós mesmos estamos fazendo, o que nos falta”, afirmou. Sua colega Maria Carmem, também boliviana, avisa: “com a quantidade de gente que está aqui se pode aprender muito, sobretudo uns com os outros. Estamos avançando com a Psicologia latino americana. Esta é uma realidade”, finaliza

E você, já foi conhecer os trabalhos que estão expostos na Praça Latinoamericana? Eles estarão lá neste dois dias de Mostra Nacional. Confira as experiências destes países e fortaleça a articulação da Psicologia na América Latina.

**Quer ver mais?
Visite as praças
e ocas!**

Espaço Mulher debate o respeito ao feminino

O respeito à mulher em todas as instâncias foi o principal debate no primeiro dia de atividades, do Espaço Mulher. Com o tema “Psicologia Feminismo e Políticas Públicas para as Mulheres”, a discussão foi mediada pela conselheira Roseli Goffman e teve a participação de Cristina Silva, psicóloga, de Justina Cima, coordenadora do Movimento de Mulheres Camponesas e Benedicto Arévalo, coordenador do programa Plano Integral para as Vítimas de Violência Sexual na Guatemala e Francisco Viana, da Universidade Estadual de Campinas e coordenador do Programa de Políticas Públicas da Mulher da Maternidade Odete Valadares.

Cristina Silva destacou a importância do trabalho conjunto para que haja uma transformação social. “Trabalhar necessariamente com mulher não garante transformação social. Temos de ter um movimento que inclua homens e mulheres, levando em conta que a mulher está em desvantagem pois vivemos em uma sociedade que não promove a igualdade”.

O papel da Psicologia no processo de inclusão e defesa dos direitos da mulher também foi abordado. A participação e intervenção dos profissionais nos

diversos campos do feminino garantem não só a concretização de projetos como o apoio para a mudança efetiva da cultura machista, historicamente presente nas relações com as mulheres.

Em sua fala, Justina Cima defendeu a necessidade de autonomia da mulher e do avanço das políticas públicas que permitam acesso para as mulheres com resultados concretos. “Que as mulheres decidam sobre seus destinos. Quem saiam dos espaços de apoio aos homens e passem a ocupar espaços de decisão sobre si mesmas. E só se consegue isso com a nossa participação”, afirmou.

Na Guatemala, a realidade da mulher é diretamente ligada à violência e conflitos nos quais as mulheres são, geralmente, colocadas como provocadoras das situações. “Pensamos que essa violência acabaria como o acordo de paz. Da violência política, militar à violência comum todas afetam as mulheres. Os efeitos nas vítimas vão desde o estresse pós-traumático, depressão, baixa autoestima até a desintegração da família”, afirmou.

Francisco Viana destaca a necessidade da

educação para as questões de gênero. “São poucos os cursos de graduação que tem disciplina sobre políticas públicas e apoio para as mulheres. Inserir as categorias de gênero é necessário e urgente”, finalizou.

A tarde a conselheira Marisa Sanabria comandou a oficina Mídia e Imagem da Mulher, que abordou a presença constante do feminino na mídia.

As mulheres são maioria na Psicologia e representam 89% do total de profissionais registrados nos Conselhos. O espaço fica no Pavilhão Norte e tem ainda exibição de vídeos, oficinas e shows.



Retratos da 2ª Mostra



Mesa sobre Avaliação psicológica lota auditório no primeiro dia da Mostra



Os processos de avaliação e os desafios da predição do comportamento foram temas de discussão de mesa redonda que ocorreu na manhã desta quinta-feira (20), no Palácio de Convenções, durante a 2ª Mostra Nacional de Práticas em Psicologia.

A mesa, mediada pela conselheira do CFP, Ana Paula Noronha, contou com o psicólogo e professor da Universidade Federal de Pernambuco, Maurício Bueno, o psicólogo e professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Claudio Hutz e a psicóloga e professora e ex-presidente do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (CRP-SP), Maria Cristina Pellini.

Durante o debate -que lotou o auditório da Sala A - os palestrantes abordaram as dificuldade e

avanços da avaliação psicológica no trabalho dos psicólogos (as), envolvendo principalmente a questão da formação.

“Quando nos relacionamos com alguém, temos expectativas de como a pessoa vai se comportar. Isso pode gerar a necessidade de fazer avaliações e pensar em como trazer melhores resultados para o futuro. É com este tipo de demanda que uma profissão se estrutura”, explica Maurício Bueno.

Formação

As deficiências na formação da categoria foram ressaltadas por Claudio Hutz, que lembrou serem os testes psicológicos a única ferramenta privativa dos psicólogos (as) e que, portanto, deveriam ser vistos de forma diferenciada. “É muito importante que seja dada mais ênfase à avaliação psicológica ao se falar na formação”, diz.

Segundo dados atualizados, há, atualmente, 502 cursos de Psicologia no país, sendo 245 no Sudeste e, segundo Hutz, nenhum destes cursos dedica nem 5% de suas cargas horárias para avaliação psicológica. “Não é por acaso que temos tantos psicólogos (as) com dificuldade para trabalhar na área”, constata.

Mas não há só deficiências na formação dos

psicólogos (as). Uma das conquistas recentes é o Sistema de Avaliação de Testes psicológicos, o Satepsi, modelo que permitiu a melhoria da qualidade dos testes no país. “O Satepsi só surgiu por deficiência de formação dos psicólogos na área. Aqui no Brasil muitos testes estavam sendo vendidos sem condições de uso e quando o Satepsi foi implementado, grande parte foi retirada do mercado”, diz Hutz. Dos 150 testes vendidos, segundo ele, apenas 32 permaneceram.

Os aumentos nos programas de pós-graduação e a melhoria na qualidade dos professores também foram destacados como conquistas positivas na área da formação.

Como reflexão para avanços futuros na área, a psicóloga Maria Cristina Pellini lembra a importância do reconhecimento da avaliação psicológica enquanto prática da Psicologia, seja em que ambiente de trabalho o profissional estiver. “Muitos psicólogos acham que por estarem atuando em determinado local não fazem avaliação psicológica, mas todo profissional faz”, explica.

“A avaliação psicológica vai muito além de aplicar testes. Ela passa pelo entendimento do indivíduo, e não há como intervir sem fazer um bom diagnóstico”, conclui Claudio Hutz.

Debate sobre futuro da Psicologia ressalta o compromisso social

Compromisso social, redemocratização da educação, interdisciplinaridade. Esses são alguns dos principais desafios da Psicologia para as próximas décadas. O tema foi alvo de debates na sala “Estratégias para o Futuro da Psicologia”, realizada nesta quinta-feira (20/9), na 2ª Mostra Nacional de Práticas em Psicologia. Cerca de 60 pessoas conferiram as palestras.

A mesa foi composta pela presidente da Associação Brasileira de Ensino da Psicologia (ABEP), Ângela Soligo, da presidente da Associação Brasileira de Psicologia Social (Abrapso), Neuza Guareschi, e da presidente do Conselho Regional de Psicologia do Amazonas, Iolete Ribeiro. A psicóloga e conselheira do Conselho Federal de Psicologia (CFP), Tania Brasileiro foi a responsável pela coordenação dos trabalhos.

Neuza Guareschi falou sobre os vetores da Psicologia contemporânea. Para ela, a produção de conhecimento deve estar atrelada aos movimentos sociais, às políticas públicas e à economia. “São esses pilares que colocam a produção do conhecimento em psicologia social no Brasil em movimento”, define.

A redemocratização da educação foi outro ponto

considerado fundamental para os planejamentos que envolvem o futuro da profissão. “Há muito a fazer em relação a formação da Psicologia. O repertório tecnológico e a metodologia da profissão precisam ser melhor desenvolvidos”, afirma a professora Iolete Ribeiro.

Iolete pontua a necessidade de inserir na formação dos psicólogos (as) as novas tecnologias de atuação e os novos olhares da sociedade. “O descompasso entre demandas sociais e formação acadêmica, com um modelo de 1970 voltado para psicoterapia, acaba gerando insegurança profissional por falta de embasamento das questões práticas da sociedade”.

Sobre os novos conceitos que envolvem a formação psicológica, Ângela Soligo acredita que o cerne da questão está na discussão sobre as várias formas de preconceito e discriminação que são produzidas na sociedade. “A Psicologia passou muito tempo trabalhando com a perspectiva de um humano ideal, egocêntrica, que não se preocupava em discutir questões básicas como racismo e homofobia. Esses são pontos que precisam estar na formação da profissão”. Soligo considerou, ainda, que os desafios da profissão precisam incluir o reposicionamento da Psicologia na

discussão e na produção de conhecimento sobre a medicalização na infância, sem rótulos. “Também é importante discutir as questões das realidades que afetam a juventude”, completou.

No ponto de vista das psicólogas, o futuro da profissão deve estar pautado no compromisso ético e em uma abordagem interdisciplinar da realidade. “Temos que nos focar nos seres humanos e nos contextos que eles vivem para, assim, pensar em uma perspectiva de promoção de saúde física e mental em seu sentido mais amplo”, concluiu Tania Brasileiro.



Impressões da 2ª Mostra

**Tauana Mohr – Estudante
Chapecó (SC)**

“Estou achando mágico. Maravilhoso. Um aprendizado incrível. Muita troca de informação. Show de bola. A Mostra vai me trazer um sentimento mais globalizado. Estou conversando com pessoas diferentes de vários lugares e com isso vamos percebendo como a Psicologia pode ser aplicada. O leque de possibilidades é grande. Os processos de aprendizagem e emergências e desastres são áreas que me interessam bastante. Por isso a Mostra está agregando muito”.

**Paulo Roberto – Profissional que atua em CRAS
Lins (SP)**

“Muito legal um espaço que reúne psicólogos do Brasil inteiro e de outros países para trocar informações. Isso é sempre importante. Ao interagir com os banners, vídeos e palestras, estes trabalhos trazem novas perspectivas e enriquecer a minha prática do cotidiano. O intercâmbio é fascinante”.

**Antonio Carlos Freitas – Coordenador do curso de
Psicologia da Universidade Metodista de São Paulo
São Paulo (SP)**

“Estou apreciando os trabalhos e achando de excelente nível, consistentes o que comprova a clareza e a compreensão de quem está desenvolvendo estas práticas. O que estou vendo aqui está me agradando muito. Procuro trabalhos que me tragam realidades, como psicologia na área da saúde, escolar, ou seja, áreas específicas que eu posso levar e compartilhar no meu trabalho cotidiano. Acho que o conhecimento é algo infinito. Essa proposta de intercâmbio é muito interessante porque a troca é sempre saudável. A Mostra congrega diferentes regiões do país, países; é uma oportunidade impar. Pena que não acontece tão constantemente.”

**Melissa Rolá – Estudante de Psicologia
Juína (MT)**

“A Mostra traz uma diversidade muito gostosa para gente. Estudo em uma universidade cujo curso de Psicologia é o única da minha cidade. Sou da primeira turma a ser formada. Lá ainda existe um preconceito muito grande com a Psicologia, sua prática e estudos e a gente está rompendo com isso lá. E esta Mostra é uma forma muito eficaz para comprovar que a Psicologia só tem a auxiliar as pessoas. Estou expondo um pôster sobre culturas étnicas por que venho de uma região que tem uma cultura indígena muito rica e é uma área nova de atuação para a Psicologia. A Mostra vai me trazer uma visão de mundo mais aberta e enriquecer muito meu trabalho”.

**Patricia Tomazelli - Estudante
Chapecó (SC)**

“Estou achando tudo isso aqui fantástico. Tudo vai agregar em nossa formação para que sejamos profissionais qualificadas para proporcionar a mudança que a Psicologia pode oferecer; ajudar as pessoas a se compreenderem, um mundo melhor. A gente não pode ficar no nosso mundinho. Quanto mais globalizado for o nosso conhecimento, melhor para nós. E nada impede que a gente possa desenvolver trabalhos em outros países que aqui estão representados na Mostra”.

**Maria Aparecida Ferreira Lima – Estudante
São Paulo**

“É muita informação aqui. É difícil escolher o que fazer. É interessante porque fazia 11 anos que não havia um encontro como esse. Para a gente que está estudando Psicologia é muito importante porque dá uma vivência que propicia amadurecermos com o que queremos trabalhar e áreas para atuar”.

Uma nova página na história da Ulapsi



A União Latino-Americana de Entidades de Psicologia (Ulapsi) agora é pessoa jurídica. O documento foi oficializado na última quarta-feira (19), durante um evento da entidade no Hotel Holliday Inn do Anhembi, em São Paulo.

De acordo com o secretário geral da Ulapsi, o psicólogo cubano Manuel Calviño, a entidade nasceu com o intuito de criar um espaço de intercâmbio de conhecimento e diálogo. “O movimento foi crescendo com os anos e as exigências e demandas próprias [da Ulapsi] multiplicaram esse intercâmbio e chamaram a nossa atenção para a necessidade de fazer essa pessoa jurídica”.

A criação da sede da Ulapsi no Brasil e da pessoa jurídica da entidade foi aprovada em abril deste ano, durante assembleia em Montevidéu, no Uruguai. Para a psicóloga e ex-secretária geral da entidade, Ana Bock, o Brasil é o país que mais tem entidades filiadas. “A pessoa jurídica representa a experiência da Ulapsi nesses últimos 10 anos. A sede física é no Brasil, mas é um espaço que representa toda América Latina”, comemora

